

Leitura e cultura: permeabilidade na (in)formação

Gabriela Fiorin Rigotti¹

O 5º Seminário “O Professor e a Leitura do Jornal”, a ocorrer entre os dias 14 e 16 de julho na Unicamp, tem como tema a educação em suas relações com a mídia e a formação docente. Pressupõe a educação como um processo não exclusivamente escolar, mas realizado, na nossa sociedade, em inúmeros lugares e de vários modos e, por isso, foca a formação dos profissionais para o exercício do magistério, considerando a permeabilidade da instituição escolar à cultura midiática e à sociedade contemporânea. O preparo necessário e urgente dos professores – para a conquista de maior êxito em seu trabalho na esfera da comunicação, das novas tecnologias e de suas linguagens – prevê uma formação que leve em conta a cultura e a mídia, atualmente bastante ampliada e modificada, em função do crescimento do aparato tecnológico nacional.

Questões relativas à leitura, à escrita e à produção de textos imersas nas novas tecnologias, especialmente no meio digital, formam a investigação apresentada por Ana Elisa Ribeiro no artigo que propõe que a hipertextualidade não é fenômeno contemporâneo, mas qualidade inerente aos processos de leitura e escrita.

A necessidade de olharmos com mais amplidão para a educação e a leitura perpassa a conferência proferida por Héctor Rubén Cucuzza no 17º COLE. As palavras do autor sugerem a leitura como uma (con) fusão de culturas, olhares e linguagens que, quando exercitada com imaginação, ultrapassa as imposições dos saberes escolares para se compor num exercício múltiplo em gêneses e produções de sentido. Também o artigo de Fernanda Maurício Simões e Maria da Conceição Reis Fonseca vislumbra práticas de leitura construídas

por adultos pouco alfabetizados, a partir de modos de pensar e atitudes advindas menos das práticas escolares que das relações sociais que vivenciam.

A leitura em sua intersecção com outras áreas culturais e científicas é assinalada no artigo de Roberto Goto que, ao relacionar a Literatura com a Filosofia, busca discutir a oposição entre leitura como diálogo e leitura como consumo.

O artigo de Eliana Kefalás Oliveira, que apresenta ao leitor um relato de experiência de leitura em que audições e vocalizações se alternam na busca da dinâmica interativa da língua, e o de Janayna Paula Lima de Souza Santos e Eduardo Calil de Oliveira, que discorre sobre a relação entre a dinâmica da oralidade e da subjetividade do processo de escrita, partindo do estudo sobre a criação de onomatopeias em histórias em quadrinhos inventadas por crianças, incitam-nos a pensar a leitura como processo vivo, cultural e corporeamente construído.

Como participante da cultura, a leitura influi na formação das identidades. Alexandra Santos Pinheiro analisa as representações do feminino em leituras destinadas às primeiras séries do ensino, no século passado, contribuindo para as discussões atuais sobre a formação dos sujeitos e suas representações de feminino, masculino e de escola, enquanto o estudo de Pedro Benjamin Garcia nos conduz a pensar sobre como a formação do gosto e do hábito da leitura literária seriam capazes de transformar a subjetividade dos leitores.

A literatura, no âmbito infantil, é tema para o artigo de Juliana Bernardes Tozzi, o qual busca discutir as convenções literárias e

¹ Coordenadora da Comissão Executiva Editorial e pesquisadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita – Alle, FE/Unicamp.

sociais que envolvem a edição, a circulação e a recepção da obra *Felpe Filva*, de Eva Furnari. O universo imaginário que ronda a literatura infantil também serve de mote para a crônica literária de Jorge Miguel Marinho, que remete o leitor ao dia em que um garoto se pergunta: “O que há dentro de um livro?” – crônica esta que é acompanhada por outra, do mesmo autor, que nos sugere a falta de exercício lúdico, tantas vezes presente no ensino da leitura e da escrita.

À revelia da falta de imaginação, Jaqueson Luiz da Silva apresenta uma resenha sobre a obra *Reminiscências de um viajante: 101 episódios*, de Luís Antônio C. Romano, pela qual demonstra como é possível, a partir de um *flerte* com os clássicos da literatura, surgir

uma ficção envolta em aventuras que só aquele que viaja, anda, peregrina é capaz de vislumbrar.

Completando esta edição, Juvenal Zanchetta Júnior discorre sobre as bibliotecas, locais prioritários para o exercício da leitura, mostrando diferenças entre o discurso oficial e as práticas de uso das bibliotecas escolares do Oeste paulista.

Almejamos, enfim, que tanto os textos selecionados para esta edição como o evento sobre mídia e formação docente fomentem uma visão de educação mais ampla e condizente com a real permeabilidade dos processos educativos, de leitura e escrita, diante do panorama sociocultural contemporâneo.